



Os Outsiders

José Luiz Passosⁱ

Aos domingos, perto do fim da infância, a cantoria dos evangélicos na praça em frente ao meu prédio me tirava da cama mais cedo. Foi na cruz, foi na cruz que morreu meu Jesus. Foi na cruz que plantou o coração. Foi na cruz, foi na cruz que morreu meu Jesus. Foi na cruz que nasceu meu perdão. Nessas manhãs de incômodo santo, íamos visitar o velho Laszlo no Poço da Panela. Passada uma parreira espalhada por cima da garagem, ele montou uma oficina com torno e tanque de oxidação. Quando a Alemanha arregimentou a Hungria, os oficiais de Hitler devem ter percebido a mão de Laszlo para as máquinas. Puseram o húngaro junto aos blindados, detido, porém a postos, e como mecânico de tanques durou até 1945, ano em que tomou a famosa rota do Brasil.

Laszlo subia a manga da camiseta de meia e punha o dedo numa covinha aberta por um fuzil alemão. Nem sequer tinha ouvido o tiro. A ponta de 7mm Mauser deixou uma ferida limpa. Fosse um besouro de caubói, ele dizia, dos lentos e brutos como os calibres grossos que os americanos levaram para a guerra, Laszlo não tinha escapado. Isso porque as Thompson .45, famosas desde Al Capone, eram espalhafatosas e só matavam de perto. O armeiro também sentia falta de que lhe prestassem atenção à língua. Dizia que, num Nordeste maior do que sua Hungria, só se escutava húngaro naquela casa à beira do Capibaribe. Certa vez comentou que nas repartições públicas os brasileiros ficavam loucos quando precisavam escrever seu nome com as três consoantes de Laszlo juntas. Quando ouvi a história repetida, falei que em

português tínhamos o tritongo, com três vogais também sempre juntas. Ele pensou um pouco e respondeu que podia ser, mesmo assim os brasileiros ficavam loucos quando precisavam escrever seu nome. E dessa para outra, ia adiante nas histórias de sempre, quase todas sobre a grosseria americana, circunstâncias de guerra narradas com maravilha, mostrando seu encanto com a técnica alemã que lhe mastigou um ombro. O amor da vítima é um sentimento insólito e mais difícil de se aceitar. Quanto a meu pai, só depois fui entender que não havia mistério no seu interesse pelo despeito do armeiro pela engenharia militar ianque. Sua mãe, minha avó paterna, faleceu em 1942. No ano seguinte, no mesmo ano em que Laszlo remendava tanques, meu avô solicitou uma licença de viagem a Getúlio Vargas, com quem a família mantinha uma relação cheia de cautela, e partiu para Nova Orleans, na Louisiana. Entre 1928 e 1930 ele já havia estado em Baton Rouge, no mesmo estado do Sul americano onde concluiu um diploma em química de açúcar. Meu avô esperava tomar distância da morte da esposa e buscar, ali, uma nova técnica de aproveitamento do bagaço como matéria-prima para derivados de celulose.

Nas suas memórias o jovem químico descreve a primavera de 1943 com saudades do um novo amor. Durante minha estada em Nova Orleans, ele comenta, em função da missão de estudo acima referida fiz amizade com o cônsul-geral do Brasil, o sr. Guimarães Gomes, gaúcho de boa aparência e trato agradável, e também com o adido ao consulado, o sr. Otávio Bandeira, parente afastado dos Bandeira de Pernambuco. Certa ocasião, por sugestão do cônsul e em companhia de Otávio, compareci a uma festa da Cruz Vermelha, comum naquela época a fim de angariar brindes para os combatentes. A festa não estava me despertando grande interesse, até que, num intervalo das danças, vi atravessar no salão uma jovem que me chamou a atenção, diz ele, em tom simpático. Estatura mediana, andar desembaraçado e gracioso, elegantemente vestida num *tailleur* acinturado, chapéu pequeno e sem abas, cabelos a pajem, rosto oval de tipo latino, enfim, uma jovem atraente à primeira vista. Coisas do destino, não interessa saber como, o fato é que, dentro em pouco, estávamos no mesmo grupo, do qual fazia parte minha beldade, e em conversa bastante animada. Também me chamou a atenção que a jovem fosse bilíngue, sem sotaque em nenhuma das línguas, inglês ou espanhol. Rose Mary Avilés, assim se chamava, era funcionária federal do Serviço de Censura Postal, filha de nicaraguenses, porém nascida em Nova Orleans. No ano seguinte, em abril de 1944, meu avô se casou com Rose Mary, conhecida entre nós todos, na família, como Marisa, a segunda e

única avó paterna com a qual cheguei a conviver. No final da guerra, ela se mudou para o Recife, já casada com o meu avô, trocou de nome e ali permaneceu pelo resto da vida.

Bem antes de Laszlo, Marisa foi a primeira imigrante com quem convivi, embora só tenha me dado conta disso quando vim para a Califórnia em 1995. Foi então que passei a pensar nela não apenas como avó, mas também como alguém que vivia entre duas culturas. Sua língua era polida e grave, com um sotaque que lhe marcava as frases curtas, quase sempre no imperativo. Tinha um cheiro bom, de frasqueira perfumada. Usava cores vibrantes e brincos de pressão, enormes, faiscantes como besouros de vidro. Meu pai achava Marisa fria, um pouco agressiva. Americana demais, ele dizia. Órfão aos cinco anos de idade, e desde cedo dissipador, ele passou a ser um problema. Marisa e meu avô decidiram que a sua disciplina viria com uns anos de América. No começo da década de 1950, o meu pai foi posto em regime semi-interno na academia militar de Nova York. Ali chegou a Cabo da Guarda e, feliz com a patente, na comemoração liberou bebida no alojamento, quando então foi preso, rebaixado a recruta e convidado a se formar antes dos colegas. A partir daí foram cinco anos de Estados Unidos e seis de Europa, vagando em busca do começo de uma profissão. Quando finalmente regressou ao Brasil, voltou com cinco línguas incompletas e uma coleção de casos que iria repetir até o fim da vida. No total, passou onze anos fora.

Num diário escrito na Suíça, meu pai deixa uma impressão severa de minha avó americana. Rose Mary Avilés, Marisa. A minha madrastra, ele escreve à máquina, ela deve ter os seus quarenta anos. Nunca nos demos muito bem, mas ela procura sempre ser amável comigo e com a minha irmã. Irmã do primeiro matrimônio. Acho Marisa uma pessoa ríspida, e isso talvez seja dado a sua doença, pois ela já esteve de volta aos Estados Unidos para tratamento dos nervos. Durante o tempo em que morei com ela e papai, eu nada gostei. O mesmo para a minha irmã. Creio, inclusive, que foi por isso que minha irmã se casou, para sair da casa da nossa madrastra. Kreuzlingen, 9 de março de 1960, fim da nota amarga. Agora sei que as risadas que ele dava diante de Laszlo, quando o armeiro desancava o aspecto rude da soldadesca americana, briosa das suas carabinas de alavanca e pistoleiros rabugentos disparando à solta, eram gargalhadas contra a madrastra e aqueles anos de internato. Meu pai nunca percebeu que tanto a falta que Laszlo sentia da língua como a severidade de Marisa estavam mais ligadas do que a princípio se poderia supor. O húngaro e a americana tiveram a coragem de tentar o Brasil.

Imigrante nenhum pode ser transparente, pois a diferença lhe salta à pele. Somos vítimas de um cacoete de espelho, buscando medir a imagem de lá pela de cá. Por isso, não se exija do imigrante transparência alguma. A transparência é luxo de quem nunca saiu de casa, de quem pode contar com sua própria cultura, inteira, com o império de uma única língua e os laços que nos amparam nas escaladas e nos tropeços. Mas quem vive entre esse lá e cá será sempre lembrado de como os outros falam ou escrevem o seu nome, tal qual o velho Laszlo gostava de insistir. E estes não podem evitar o pé-atrás e duvidar da pachorra dos filhos da terra, como minha avó Marisa duvidava das manhas de meu pai. Aí está a indústria desses estrangeiros que tiveram a coragem de enveredar pelo abrasileiramento, um que nunca será total, porque o abrasileiramento total, como a americanização total, é uma fantasia para se tapear os patriotas e gente de coração mais simples.

Anos depois, num agosto, de férias, voltei à rua de Laszlo e procurei pela casa dele. A parreira não estava mais lá. O velho havia morrido fazia tempo, ninguém se lembrava exatamente quando. A casa agora é um anexo da Fundação Joaquim Nabuco. Saí dali querendo saber um pouco mais de minha avó. Tentando adivinhar o que teria arrancado o velho Laszlo de sua vida brasileira, lembrei dela, de Marisa, que passou os últimos anos como voluntária no Hospital do Câncer. Ali fez novas amizades, ficou querida e acabou falecendo no mesmo lugar, da mesma moléstia que aqueles a quem tinha feito companhia. No final da vida, creio que ela e o meu pai, a imigrante e o retornado, os dois com as línguas misturadas pelo tempo fora, enfim, creio que fizeram as pazes. Quero acreditar nisso, embora não tenha lembrança de nenhuma reaproximação cabal, nem de conversa ou carta alguma que servisse como ajuste de contas entre os dois. Mas nesse silêncio, e na ausência das farpas, porque ela também o desmerecia muito, posso imaginar uma ponta de respeito se alargando mais e mais. Daí, com a doença de ambos, numa velhice já compartilhada, não é difícil supor os seus ânimos mais abrandados, e as bandeiras de antes perdendo as cores a fim de que um modo imigrante e solidário abrisse os braços, juntando esses dois que se queriam tão contrários.

O livro de cozinha de Marisa ficou para minha mãe, agora é meu. Fazia tempo que suas receitas tinham entrado no gosto de casa. Lembro de os colegas comentarem, no intervalo de um recreio distante, que a broa lá de casa era muito diferente. Ou então, nos aniversários, me perguntavam que bolo de chocolate queimado era esse. Não sabiam que era o modo de minha

mãe preparar cornbread e devil's food cake, misturando receitas locais às aquelas do livro da latina de Nova Orleans. Só um imigrante sabe a graça que há nisso. E agora, no repasso dessas minhas minúcias, me ocorre que sou um pouco dessa broa americanizada, ou uma fatia do devil's food cake abasileirado e, também, uma espécie de Laszlo, tentando espalhar minha cultura no estrangeiro, corrigindo a pronúncia de meu nome, aqui soado à espanhola, Rosê. E ao fazer isso, ponho no quadro-negro as manias mais óbvias de nossa cultura, cuja urgência é a sua suposta suavidade, tal como para o húngaro era suave e urgente aquela ponta de fuzil que, na sua guerra, lhe chupou o músculo de um ombro.

Quando a família perdeu a mão para o açúcar, foi a venda das tortas de minha mãe que me pagou o colégio e as aulas de inglês com d. Cruza Von Söhsten, esposa do falecido professor Elijah, ele próprio imigrante americano de origem holandesa. E a famosa torta de nozes, que foi a tantas mesas no Recife, torta que eu próprio vendi e acabou no cardápio de bufês e restaurantes, essa torta, já então dita tradicional, não passava de uma encarnação do German layered cake e da pecan pie que minha mãe tirou do livro da minha avó americana. Só um imigrante pode rir disso com justiça de causa, pois sabe que o começo de qualquer tradição é um pouco de fantasia com circunstância e autoengano. Então, Catende e Recife ainda são minha casa. São Paulo, Berkeley e Los Angeles ficaram sendo minha casa. Nova Orleans também foi uma espécie de quintal de casa, aquele lá-dos-fundos de onde sempre nos chega uma nesga de bom mistério. E ainda sobra para uma dose de outra coisa que também nos faz a casa. Onde meus filhos aprenderem a língua com a qual escrevo, aí também será nossa casa. Onde as pessoas se lembrarem de Laszlo, e do seu nome enlouquecendo os brasileiros, ali fica sendo um pedaço da sua velha Hungria. O armeiro insistia na questão, quando comentava que nós, os brasileiros, dizíamos o seu nome de um jeito engraçado, Lájlu, e sorria, convidando de braços abertos o erro dos outros. A língua do imigrante é capaz dessas soluções. E qualquer um traz consigo tamanha astúcia, mas só um imigrante pode dizer isso batendo no peito, pois na sua sem-cerimônia ele usa com todo cuidado o que nunca foi seu, usa aquilo que jamais lhe deram de mão beijada. E aí está o começo de uma nova história. Mas por hoje é só. Eu fico por aqui. A vocês que me ouviram, muito obrigado.

Mal acabei de ler meu texto sobre a língua dos imigrantes, com minhas recordações de vinte anos atrás, e as pessoas sentadas no auditório começaram a aplaudir. Voltei para a mesa com os outros participantes e esperei pelo fim do painel. No intervalo, alguns vieram me dizer que tinham se reconhecido no pedaço de memória sobre o velho Laszlo, e nas minhas memórias de Marisa e de meu pai. Uma mulher de vestido estampado falou que vocês, os nordestinos, eram engraçados, que a mãe dela era da Paraíba e também gostava de contar anedotas de gente de antes, e ela achava isso ótimo, porque a mistura de humor com família era importante. Agradei o elogio e disse que aqui na América se diz a mesma coisa, porém de judeus e mexicanos. Que eles sempre levam juntos ironia com parentela. A mulher do vestido estampado se afastou, andando de costas, sem dizer mais nada. Alguém, em seguida, me perguntou se eu estava ciente de que a Rede Globo tinha uma telenovela filmada aqui no estrangeiro, mostrando a imigração brasileira para Miami. Falei que sim, que o tema tinha apelo, mas por outro lado nunca tinha visto uma imigrante do rosto de cera, fixada no espelho com os lábios estufados, sacudindo no ar um punho cerrado e jurando, Vou vencer. Eu vou vencer. A moça que me fez a pergunta riu com as gengivas. Eu também sorri.

Não me chatee com os comentários que passavam longe. Dei ao texto o tom da lágrima. Usei as repetições que, por amor ao eco, o ouvido aceita, especialmente se esse rumor vem lá de trás, trazendo de volta um traço dos mortos ou um pouco daquilo que nos lembra quem vai longe. Tentei me livrar das perguntas e saí para o saguão em frente ao auditório. Apanhei um copo de café, abri a porta envidraçada e pus a cara no dia. Do lado de fora da capela tinha um estacionamento com jardineiras em ziguezague. Andei por ali, acompanhando a pista lateral ao redor do prédio, subindo a colina até um bosque de eucaliptos, com bancos de praça e vista para a ponte Golden Gate. O vermelho da ponte, apanhado a pleno sol das três, ia lindamente aceso. Tal como em Los Angeles, também em San Francisco as calçadas universitárias são limpas, bem varridas, e creio que uma mistura de moral de escoteiros com o gosto nacional pela higiene pública dá a esses lugares um ar de brinquedo de bonecas, com as árvores plantadas a passo de régua, cada qual crescendo a dez metros uma da outra. Tomava nota dessa paisagem, quando de repente vi alguém se aproximando.

Era Bernadete Beserra, que estava na plateia e tinha vindo me buscar para o segundo painel. Comentamos um pouco o evento, e quis saber se ela conhecia o homem que me fez a

pergunta sobre as saudades. Se eu, como professor, saberia dizer se saudade era mesmo uma palavra que existia apenas em português. Foi isso que me apanhou de surpresa. A princípio, Bernadete não admitiu conhecer o homem. Era um tipo de rosto forte, trajando um paletó azul-turquesa. Mas ela conhecia bem a comunidade na Califórnia. Tinha acabado de publicar um livro sobre como os brasileiros se identificam com os latinos nas grandes cidades norte-americanas. Então pensou um pouco, me chamando de volta, e repetiu a pergunta. Aquele senhor de azul? Falei que era esse mesmo. Foi então que Bernadete me contou a história de Jéferson, um pastor batista que por aquela época pregava em espanhol, num velho cinema do Castro, o bairro gay próximo ao centro de San Francisco. Ele também já tinha morado no Recife. Dois meses depois do colóquio, Bernadete me escreveu dizendo ter localizado, por meio do pastor Jéferson, uma neta do velho armeiro húngaro. As indústrias do imigrante são mesmo estupendas, para além da realidade. A família de Laszlo já havia lido o meu texto e feito reparos na minha recordação admirada das amizades do pai. Essas emendas mudaram as fileiras às quais pertencia o nosso herói e, de repente, tiraram de mim o consolo de uma memória mais ingênua. Preciso recuar no tempo para enxergar os desvios daquilo que, antes, me parecia tão tranquilo.

Logo que pude, escrevi de volta a Bernadete.

4 de fevereiro de 2006, Bernadete, tudo bom? Obrigado pelo toque e me desculpe o silêncio, mas suas mensagens me pegaram de férias. Só voltei no dia 10, e voltei atrasado para preparar dois cursos. Ando atolado em trabalho, fazendo tudo em cima da hora, por conta da preparação para a chegada de Cecília, que nasce daqui a um mês. Sobre Laszlo, imagine, a memória do menino de dez anos que eu era mudou a casaca do soldado húngaro, fazendo dele um super-herói. Fico contente que a família tenha gostado, apesar do lapso que cometi. Enfim, um abraço, ouviu? E continuemos em contato, Zé.

Ela tinha me procurado um mês antes.

3 de janeiro, Zé Luiz, meu caro, antes de tudo desejo a você um excelente ano. E agora veja as coisas deste mundo, enviei seu texto para Lia Fook Shiam, um amigo meu que mora no Recife e também é poeta. Acho que uma das colegas dele, em Direito, tem o mesmo sobrenome que o armeiro húngaro, então ele foi conferir. Incluo abaixo a reação dela ao seu

texto. Um grande abraço, Bernadete. E eu, curioso, passei imediatamente às mensagens que ela havia anexado.

2 de janeiro, Bernadete, veja só, a minha colega é mesmo neta do sr. Laszlo. Segue abaixo a mensagem dela. Atenciosamente, Lia Fook Shiam.

29 de dezembro de 2005, Fook, acabo de ler o arquivo junto com meu pai e, de fato, a referência é mesmo ao meu avô, falecido em 1987. Ele ficou bastante emocionado com o arquivo, pediu para agradecer demais pela lembrança, foi muito bonita a homenagem e, nas palavras de meu pai, ele faria apenas alguns retoques no conteúdo. Primeiro, que meu avô não era preso alemão. Ao contrário, a Hungria era aliada dos alemães. No final da guerra, ele foi prisioneiro dos americanos. Além disso, ele era comandante de uma unidade de blindados durante a guerra, e o conserto dos tanques era feito pelos próprios integrantes da unidade. Por fim, o ferimento que sofreu foi, na verdade, no osso esterno, causado pelo disparo de um franco-atirador russo que usava um fuzil Tokarev 7,62mm, o calibre soviético. No mais, tudo era isso mesmo. As histórias, a casa, a parreira, a oficina de armas no Poço da Panela, aqui no Recife, a falta de alguém com quem conversar em húngaro. Além dos filhos, tinha apenas a minha avó. Bem, reitero o agradecimento de meu pai, e muito obrigada por encaminhar o texto. Fique com meu abraço e um maravilhoso Ano Novo, Michelle Molnar.

Finalmente, e a propósito composta num feriado santo, eis a mensagem que desatou o esclarecimento dessa ligação. Ela se resume a uma pergunta lindamente simples.

25 de dezembro, Michelle, o sr. Laszlo, referido na história do professor José Luiz, contada no arquivo anexo, seria o seu avô? Feliz Natal, Fook.

Ora, de minha parte, Boas Festas a todos vocês. Tenho vontade de lhes desejar isso. A palestra que dei no primeiro encontro de imigração brasileira na Califórnia acabou reunindo longe de mim, longe daqui, as memórias do filho e da neta do velho Laszlo. Também, as memórias de meu pai, de minha avó americana e de um pastor brasileiro, imigrante em San Francisco, como eu em Los Angeles. Por vários meses cogitei procurar por ele, pensei em escrever a história do pastor Jéferson. Daria um bom romance. E por que não? Era uma consequência não pretendida, que me agradava bastante. Pedi a Bernadete que me desse o e-mail dele. Se Jéferson conseguiu conectar uma conferência em San Francisco a Laszlo e os moradores do Poço da Panela, de alguma maneira poderia me ajudar num livro sobre viagens,

visitas e revoluções. Tomei coragem e parti de volta ao norte da Califórnia, para me encontrar com Jéferson.

Não gosto de sair de casa. Nos nove anos que morei em Berkeley, do outro lado da baía, devo ter cruzado a ponte para San Francisco uma vez por ano, e talvez nem isso. Voltando ali, quando entrei no café do Castro, reconheci imediatamente a figura de poucos meses atrás. Jéferson trajava camisa branca, de gola e mangas compridas, calça social e sapato tênis. Ele disse que era de Goiás. Falei que, embora não fosse casado na igreja, após a visita ao cartório um pastor batista, amigo nosso, havia nos abençoado na casa dos meus sogros, em Olinda. Porém o que não lhe contei foi que, nos quase dez anos em que estudei em escola católica, num colégio de jardins e sobrados onde D. Pedro II já havia se hospedado, vi tolerarem ali, entre os alunos, judeus, algum negro e os filhos das divorciadas, mas nunca, jamais um protestante. Estes, na pregação com seus folhetos a postos, eram chamados de bodes. E isto, talvez, pelo rumor nas abordagens, em suas visitas, no modo de estarem à vontade em praça pública, soando hinos, comendo papel, lendo versículos em voz alta. Só depois, em São Paulo, soube por um amigo historiador que a alcunha vinha de longe, possivelmente da Colônia, quando se dizia que bastava levantar a barra da roupa dos crentes para se ver as pernas montadas em pés fendidos, como nas patas de um bode. Mas o bode, a cabra, por exemplo, como nos o poeta, escava as coisas até encontrar dentro do que é familiar um estrangeiro. E entre esses animais de senso impaciente, tais quais foram Laszlo, Marisa e meu pai, o bode, errado ou ruminante, será sempre um perfeito outsider. Essa foi a questão que quis puxar na conversa com Jéferson, sobre estarmos aqui, fora do Brasil, dispersos da onda, por vontade própria, tentando não abraçar nenhuma bandeira rápido demais, nem nos julgarmos indignos dela.

Ser imigrante, você quer dizer? O mundo é feito praticamente só disso, Jéferson respondeu. Eis o ponto alto de sua filosofia. E com minha teologia de algibeira expliquei que, semelhante ao exílio, o sagrado repunha a falta como forma de consciência. Mas, realmente, o que era que isso queria dizer? A falta como forma de consciência. Nem eu mesmo entendia. Ser professor às vezes é jamais poder tirar do rosto aquele duvidoso par de óculos rayban. Nosso encontro tinha dado em nada. A conversa esfriou, e ele saiu do café antes de mim, pardo, sorrindo, digno na sua dedicação aos outros, nos subúrbios dali e do mundo, um pastor suave em prol de gente humilde, que trabalha por pouco e vive longe de casa. Sinceramente, senti

vontade de comprar flores e mandar para ele. Porém, desse nosso randevu de almas em San Francisco, ele goiano, eu pernambucano, resta hoje algo que para mim conta muito. Pois comecei a imaginar a vida que o missionário Zachary Clay Taylor teria levado no Brasil quando, no final da conversa, Jéferson me fez a pergunta. Mas você sabe da história dos batistas na Bahia, não sabe? A história do missionário Zachary Clay Taylor? Acontece que eu ainda não sabia. E assim começou o meu livro sobre visitas, viagens e revoluções.

ⁱ Natural de Catende, PE, **José Luiz Passos** trabalha na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, onde é professor titular de literaturas brasileira e portuguesa. É autor de diversos ensaios sobre o [romance](#), a [poesia](#) e a [prosa](#) modernistas e a história do pensamento social, publicados no [Brasil](#), na [Europa](#) e nos [Estados Unidos](#). Seu livro "O sonâmbulo amador" foi premiado em 2013 pelo Portugal Telecom.